

## INTERATIVIDADE INFANTIL: (RE) PRODUZINDO CULTURAS NO RECREIO

Caroline Braga Michel  
Alessandra Amaral

### RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma investigação mais ampla que vem sendo desenvolvida no Curso de Especialização de Educação Física Escolar da FURG/RS e apresenta reflexões sobre as temáticas da infância e da corporeidade no contexto escolar, mais especificamente, no recreio, por considerar esse como um espaço e um tempo de produção e transmissão das culturas infantis. Essas questões vêm sendo aprofundadas a partir dos eixos teóricos da Sociologia da Infância e de algumas formulações de Foucault, articulando as diferentes formas de poder exercidas cotidianamente nas interações que as crianças vivenciam com seus pares.

Palavras-chave: Infância, Culturas da Infância, Relações de Poder.

### ABSTRACT

This work is a part of a broader investigation that is being developed in the course of the Specialization School of Physical Education FURG / RS and presents reflections on the themes of childhood and corporeality in the school, more specifically, in considering recreational such as space and time to production and transmission of cultures of childhood. These issues have been starting depth of the main theoretical sociology of childhood and some formulations of Foucault articulating the different forms of power exercised in the daily interactions that children experience with their peers.

Key words: Children, Cultures of Childhood and Relations of Power.

### RESUMEN

Este trabajo es un recorte de una investigación más amplia que hay sido desarrollada en el Curso de Especialización de Educación Física Escolar de la FURG/RS y presenta reflexiones sobre las temáticas de la niñez y de la corporeidad en el contexto escolar, más específicamente, en el recreo, por considerar ese como un espacio y tiempo de producción y transmisión de las culturas de la niñez. Esas cuestiones han sido profundizadas partiendo de los ejes teóricos de la Sociología de la niñez y de algunas formulaciones de Foucault articulando las diferentes formas de poder ejercidas.

Palabras – clave: Niñez, Culturas de la niñez, Relaciones de poder

### Introdução

O presente trabalho focaliza algumas reflexões desencadeadas para e por um trabalho que vem sendo desenvolvido no curso de Especialização em Educação Física Escolar da Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS). O diálogo aqui estabelecido busca interligar as temáticas da infância, relações de poder e da

corporeidade no contexto escolar, que vem sendo acompanhadas ao longo de minha trajetória enquanto educadora-pesquisadora.

Considerando o recreio como espaço e tempo de produção e transmissão das culturas das infâncias, busco, através das interações realizadas no mesmo, diferentes formas de compreender o poder que 'atravessa' essas relações. Embora com a certeza de que o caminho escolhido para o aprofundamento das temáticas citadas possa ir se transformando ao longo do caminho, apresento neste texto um rumo que direciona tal intuito.

Em um primeiro momento faço a tentativa de, por meio de minhas memórias, contextualizar os estudos sobre infâncias e suas possibilidades na contemporaneidade no contexto escolar ao mesmo tempo em que vou fazendo uso de algumas formulações de Foucault como suporte para discutir discursos que vem sendo aceitos por nossa sociedade. Assim, ao longo dessa breve reflexão vou dialogando entre as perspectivas da Sociologia da Infância e das ideias de Foucault para, posteriormente, apresentar as opções metodológicas que as escolhas por essas concepções implicam.

### O (re) encontro com a infância

“Não faça isso, você ainda é uma criança” ... “Ah, quando crescer você vai entender!” ... “Ah, que bonitinha falando isso para o papai, mas você ainda é criança!”... “Cuidado com o que você falar, ela ainda é muito pequena para entender” ... “Isso é conversa de adulto, não se intrometa menina” ...

Início a breve reflexão a cerca da temática infância buscando, através de lembranças, imagens da minha infância, as quais considero trazerem consigo sentidos e conceitos atribuídos a mesma enquanto estrutura social. Através das frases recapturadas nas mais variadas situações vivenciadas por mim enquanto criança e, por vezes, repetidas pelos adultos com que convivia, vislumbro características que constituíram por muitos anos o universo infantil: crianças são dependentes dos adultos, logo, sem autonomia, sem direito a voz, frágeis etc.

Historicamente, segundo James, Jenks e Prout<sup>1</sup> (1998), essa concepção está associada à criança pré-sociológica, isto é, ao período em que a criança era vista por meio dos contributos do senso comum e como exterior ao contexto social. Sarmento (2000) nos diz que sempre houve crianças, mas *infância* é algo muito recente. A consideração das crianças como um grupo etário próprio, com características identitárias distintas e com necessidades e direitos genuínos, é mesmo um projeto inacabado da modernidade.

Com os estudos da Sociologia da Infância emerge uma concepção de infância pautada na criança como sujeito autônomo e sociológico independente e interdependente do adulto. Isto é, a sociologia da infância implica em ver a criança por aquilo que ela já é, que ela já faz (Trevisan, 2007), considerando que esses fazeres são distintos e se realizam em diferentes contextos. James e Prout (1998) designam o termo *infâncias* como sendo mais preciso, afirmando a necessidade de levar em conta a diversidade social e cultural das crianças.

Culturas infantis essas que no momento em que são investigadas implicam o buscar por metodologias e estratégias investigativas que permitam conhecer um pouco

---

<sup>1</sup> Análises realizadas por esses autores são contempladas em: TREVISAN, Gabriela. Amor e afectos entre crianças A construção social de sentimentos na interação de pares. In: SARMENTO, M. J; DORNELLES, L. V. *Produzindo Pedagogias interculturais na Infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

mais dos mundos das crianças, indo ao encontro do que propõe o estudo sociológico que é realizar/pesquisar com as crianças e não sobre as crianças, de modo que as vozes que foram por séculos negadas tenham, agora, a oportunidade de contribuírem na constituição de seu universo, pois, assim como afirma Sarmiento, “o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente” (1997, p.25).

Embora os estudos da sociologia da infância venham contribuindo significativamente para desmistificar atributos da infância concebidos culturalmente como naturais, ao adentrarmos com essa discussão, mais especificamente no contexto escolar, é perceptível o quanto esse vem contribuindo no processo de ‘aculturação’. Fato esse visível nas crianças serem condicionadas a ‘não viverem um tempo em si, mas um tempo para’, ressaltando desde cedo um preparo para um tempo futuro.

A escola, enquanto uma das instituições reprodutoras de cultura e de poder (Foucault, 1987), vem caminhando de encontro aos estudos sociológicos da infância, uma vez que seu poder se articula diretamente sobre o tempo, realizando o controle dele e garantindo sua utilização (idem, 1987). Ou seja, a escola ao valorizar uma cultura do ‘inteligível’ disciplina tempos, espaços e corpos e elege saberes e conhecimentos em nome de uma aprendizagem sistemática.

O controle sobre as crianças se dá através dos comportamentos, ao se eleger uma forma única de sistematizar o aprendizado, aonde aprende aquele que não se movimenta e que não dialoga em sala de aula, pois movimentar-se pode significar indisciplina:

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. Por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará (FREIRE, 1997, p.81).

As concepções sobre o corpo são explicadas, como diz Guilhermeti (1990), a partir das compreensões da forma de ser da sociedade da época em questão. Assim, ao longo da história, foram adotadas várias concepções de corpo até se chegar a vigente, cito como exemplo, a de integralidade, característica da corporeidade primitiva, e a dual (corpo x psiqué) da corporeidade Antiga.

Considerando que no corpo estão inscritas todas as regras, normas e valores de uma determinada sociedade e que esse corpo, especificamente dentro da sala de aula, é muitas vezes, negligenciado e trabalhado detalhadamente para que seja submetido a uma manipulação calculada, entrando, nesse sentido, em uma ‘maquinaria de poder’ (Foucault, 1987).

Permitir essa dicotomia entre corpo e mente na sala de aula é privar que a criança viva sua dimensão enquanto ser infantil – lúdico – já que ela constrói sua identidade através do contato com o meio e por meio das ‘cem linguagens’ que possui, as quais raramente são valorizadas nesse espaço.

Assim, fundamentando-me numa perspectiva sócio-histórica, que compreende a criança como ser cultural e constituída, também, pelos discursos e práticas institucionais da sociedade moderna é possível constatar que o poder não é localizado, como ressalta Foucault (1987), o poder também é exercido cotidianamente entre as pessoas. Nessa

perspectiva, a criança também é tanto produtora quanto efeito do poder e em todas as relações que vivencia, seja entre seus pares ou com os adultos, está presente a disputa de poder.

Todavia, cabe destacar como dito por Foucault que “temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ‘reprime’, ‘recalca’, ‘censura’, ‘abstrai’, ‘mascara’, ‘esconde’. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (Foucault, 1995, p.17).

Entrelaçando as perspectivas da Sociologia sobre as crianças e as infâncias com as formulações de Foucault, venho investigando o mundo da criança – suas interações e suas culturas – por meio das vozes e ações das próprias crianças. Como elas produzem e significam as relações entre si, os espaços e os tempos em que estabelecem as trocas e como determinam os papéis desempenhados nas interações com seus pares, mais especificamente, no recreio por se tornar mais perceptíveis tais ações. Assim, utilizo-me da sessão seguinte para discorrer brevemente sobre como vem se construindo essa investigação.

### O caminhar da pesquisa com crianças

Os estudos desenvolvidos para e por esse trabalho se interligam com minhas experiências enquanto educadora-pesquisadora e vem possibilitando novas compreensões a respeito das interações e culturas das crianças, assim como aprofundando algumas questões como os dispositivos utilizados e os sentidos atribuídos nas interações com seus pares.

A opção pelo espaço tempo do recreio se deve ao fato de, a princípio, não apresentar diretamente a interferência dos adultos e por ser considerado como parte do patrimônio infantil, sendo esse um momento de transmissão da cultura infantil (Delalande, 2005a). O autor ainda revela que durante o recreio se concede uma autonomia relativa às crianças. É nesse momento que as crianças se apropriam das regras sociais, regras que são aprendidas com os outros, neste caso, com seus pares.

Logo, esse trabalho vem dialogando, mais especificamente, com algumas formulações de Foucault (1995) a respeito das características da individualidade disciplinar

(celular, orgânica, genética e combinatória) por evidenciar que essa também se faz presente positivamente na interatividade - apontada por Sarmiento (2004) - como um dos traços distintivos da cultura das infâncias. Essas formulações auxiliam a evidenciar o controle das atividades, definições de lugares, ocupação dos corpos nos lugares, que podem ser também positivas, enfim, articula tempos e espaços estabelecidos através dos momentos de interatividade vivenciados no recreio escolar, e sua expressão positiva.

Considerando que cada caminho almejado sugere um trilhar único, embora possa ir se transformando ao longo do caminho, e que as culturas infantis no momento em que são investigadas implicam o buscar por metodologias e estratégias que permitam conhecer um pouco mais do mundo das crianças. Esse trabalho vem se utilizando do método etnográfico, que, segundo Sarmiento (2003), visa apreender a vida, tal como ela é cotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais.

Assim, essa pesquisa apresenta como estratégias metodológicas os aprofundamentos bibliográficos que dialoguem sobre infância, poder, disciplina, a partir de observações participantes, entrevistas conversadas e registros da interatividade das crianças no contexto do recreio de uma escola municipal de Rio Grande, bem como o

envolvimento constante com as mesmas, de forma que sejam valorizadas suas vozes e suas ações, demonstrando diferentes formas de produzir ciência.

Para não finalizar

Ao longo do texto busquei articular reflexões que são frutos de minhas inquietações sobre como as crianças (re)produzem e significam as trocas e as relações com seus pares no recreio por compreender esse como espaço-tempo de negociações e significações tão complexas quanto as existentes nas salas de aulas, por exemplo.

Considerando as crianças como atores sociais por interagirem entre si e a partir dessas interações serem constituídas e constituírem o meio no qual estão inseridas, tais reflexões encaminham para uma investigação a ser realizada *com* as crianças. Essa escolha de pesquisa apresenta desafios e provoca o meu olhar de pesquisadora de forma a não revelar um conhecimento centrado na visão ‘adultocêntrica’, isto é, me dispor a ser guiada pelas crianças, experienciando novas maneiras de caminhar e fazer ciência.

Com base nas formulações de Foucault, compreendo a importância de ‘abandonar’ determinados modelos e ideais de instituições, de concepções de crianças e de infâncias, que são concebidas como únicas e verdadeiras e, propagadas por meio da cultura vigente, buscando, assim, através de distintas estratégias metodológicas, entender como as relações de poder ‘atravessam’ a interatividade infantil.

Ao tecer essas reflexões percebo que tenho um longo e difícil caminho a seguir e a descobrir com as crianças e suas experiências, as quais não conheço ou ainda não refleti sobre. Logo, o que se apresenta de diferente é a maneira de caminhar e as pistas que as distintas expressões das culturas da infância podem nos trazer nos sentidos atribuídos às relações de cultura e poder estabelecidas nas interações das crianças.

## Referências

DELALANDE, Julie. *A sociedade infantil não é completamente autônoma*. La société enfantine n'est pas complètement autonome. (Entrevista). 2005a. Disponível em: <http://www.snuipp.fr>. Acesso em: 07. jul.2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro – teoria e prática da educação física*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

GUILHERMETI, Paulo. *Do corpo medieval ao corpo Moderno*. Janeiro de 1990.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (coord.). *As crianças: contextos e Identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, M. J.; Sociologia da Infância: correntes, problemáticas e controvérsias. In: *Sociedade e Cultura 2*, cadernos do Noroeste, Série Sociologia, 2000, vol.13 (2), p. 145-164.

\_\_\_\_\_ ; CERISARA, A. B. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

\_\_\_\_\_ ; O Estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N. et al. *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. cap.2, p.137-179.

Caroline Braga Michel

Pós-Graduanda do curso de Especialização em Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS).

Alessandra Amaral

Pós-Graduanda do curso de Especialização em Educação Física Escolar e Mestranda em Educação e Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS).